Cantadores do Nordeste trazem sua poesia à festa da cidade

Hoje, das 8 às 14 horas na praça da Sé e às 16 horas no Museu de Arte de São Paulo, vinte violeiros, dois emboladores, um abolador e um cantador de folheto estarão interpretando seus repentes em homenagem ao aniversário de São Paulo. Eles partiram, no último dia 13, da cidade pernambucana de Olinda, para uma caravana pelo Brasil e na terça-feira, quando foram apresentados ao público paulista, às 18 horas, na escadaria exterior do Teatro Municipal, o que poderia ter sido uma festa se transformou em um verdadeiro comício onde não faltaram os "abaixo a repressão" e "a praça é do povo".

Trazaferida do local previtamente determinado — a Praça da Sé —, a apresentação dos poetas populares começou sob a ameaça de policiais à paisana que impediriam o show, caso não fosse mostrada a autorização, embora tudo já tivesse sido combinado pelos responsáveis da caravana e pela Prefeitura. Saudos os problemas iniciais, uma voz típica dos apresentadores das rádios nordestinas anunciava: "Aqui está o Nordeste na praça pública, onde todas as classes estão presentes, sem limitações." Os numerosos espectadores aplaudiam, enquanto entrava em cena a dupla de emboladores Caximbinho e Geraldo Mouzinho, conhecidos dos nordestinos de São Paulo, pois já gravaram quatro elepês, consumidos vorazmente nas discotecas do Brás. Era o início de uma festa que, cheia de lances emocionantes e hilariantes, se estenderia até às 20 horas, com o público sem arredar pé.

A caravana que deverá percorrer ao todo 10 mil quilômetros e 14 capitais brasileiras teve sua origem durante as reuniões da "Associação dos poetas e artistas populares do Nordeste", em Olinda, quando foi lançada a idéia de se divulgar no Brasil a arte produzida pelos seis mil poetas populares das zonas rural e urbana do Nordeste. Guiseppe Baccaro, ex-"marchand" da próspera "Casa dos Leilões", que na década de 60 teve marcante atuação no mercado de arte paulistano, criador da Fundação Casa das Crianças, de Olinda, um dos organizadores da viagem e seu comandante, conta a história do movimento: "Tudo começou com as experiências do primeiro e segundo Torneio de Repentistas, realizados em Olinda, respectivamente, em 1977 e 1978. Foram os balões de ensaio para esta empreitada, que contou com a colaboração da Prefeitura de Olinda, do Banco do Brasil e do Ministério do Planejamento. Não tivemos acanhamento algum em pedir apoio a estes organismos oficiais, pois achamos que é um direito dos artistas populares reivindicarem amparo e assistência a organismos que não titubeiam em ceder verbas às bienais e outras iniciativas que se dirigem, na verdade, às elites esclarecidas. "Segundo Baccaro, a caravana tem um objetivo muito claro, que transcende o projeto de mera divulgação da arte e poesia populares. Para ele, o objetivo maior desta peregrinação poética é desmistificar o conceito acadêmico de cultura e levantar a questão da validade e importância da cultura popular no âmbito da cultura brasileira. "Devido a um conceito elitista de cultura brasileira, só são considerados poetas e literatos aqueles que conhecem muito bem e combinam os truques da gramática e da sintaxe. A poesia prescinde de erudição, e aí estão os exemplos: existem mais de cito mil poetas populares no Nordeste."

E na praça Ramos de Azevedo, a força dessa poesia era comprovada: Cada vez mais, o público ia lotando as escadarias do teatro. Cleodomiro Paes e João Furiba arrancavam aplausos inflamados dos comerciários, bancários, desocupados e executivos da cidade. Os versos dos violeiros Geraldo Amâncio e Ivanildo Vila Nova ecoavam pelos auto-falantes, falando de ecologia, índios e abertura política, numa demonstração de que, ao invés do que declaram alguns intelectuais, a poesia popular está muito viva, devorando e transformando o conteúdo das mensagens dos meios de comunicação de massas em material poético de fácil assimilação popular. Cantava Geraldo Amâncio: "Hoje o poeta pode falar de democracia/por isto estou aqui falando com alegria."De repente, o inesperado: os alto-falantes emudeceram. O som fora cortado. Vaias por toda parte, os corpos se movimentando, como para achar o culpado. Culpado que todos já conheciam, pela presença constante de cavalariços da Polícia Militar, que a pretexto de protegerem o público do assédio dos ônibus que passavam em frente ao teatro, na verdade intimidavam os espectadores, forçando-os a se comprimirem nas escadarias. Mas os cantadores não permitiram a pausa. Em um verso improvisado, lá la o repente: "Podem cortar o som, mas não cortam minha garganta". A platéia aplaudia, ao mesmo tempo em que pedia que o som fosse ligado, no que foi atendido pelos organizadores da apresentação, sem hostilidade. "O povo está conosco" — disia um deles.

Enquanto uma folheteria de poesia de cordel — montada ao lado do teatro — vendia seus exemplares a inúmeros nordestinos e curiosos, além de xilogravuras e discos de violeiros, o público participava da festa, enviando seus motes aos repentistas que se sucediam no palco. "Como é difícil a vida do homem trabalhador" foi um dos assuntos levado aos violeiros e transformado em versos, bem como o mote "quando vejo o Brasil de hoje em dia, vejo coisas que fico admirado", sempre seguidos de ovações que faziam parar por alguns instantes os transeuntes mais apressados. Já eram quase oito horas da noite e o público permanecia firme, ouvindo o que os poetas lhes tinham a dizer. Terminado o espetáculo, a cantoria ainda continuava pelas esquinas e na voz aguda de Gurlatã do Norte, lendo a "Chegada de Lampião no Inferno", aos que o cercavam.

O povo e a poesia, presentes nas escadas do Teatro Municipal

Nelson Gonçalves, "Demônios da Garoa" e especial no 13

Toda uma programação musical também foi prevista para as comemorações do aniversário de São Paulo. Fora a caravana de violeiros e repentistas nordestinos que visita a cidade e que se apresenta no Museu de Arte de São Paulo, na Praça da Sé e no Centro Campestre do Sesc (veja matéria ao lado), o público paulista terá ainda Nelson Gonçalves, Demônios da Garoa e grandes nomes da música popular brasileira, estes reunidos num especial da televisão Bandeirantes.

Atualmente com 32 LPs lançados, considerado o campeão de vendagem de sua gravadora, a RCA, Nelson Gonçalves anunciou, em meados do ano passado, que colocará um ponto final em sua carreira a qualquer momento. "Poderá ser até durante um show ou um programa de TV, sem aviso prévio", ele chegou a afirmar. Mas, de qualquer forma, ele não recusou de participar das comemorações do aniversário da cidade, programadas pela Prefeitura, e se apresenta hoje, às 18 horas, no Teatro Municipal, que abrirá suas portas gratuitamente ao público.

Os **Demônios da Garoa**, tido como o conjunto mais paulista de todos os que aqui existem, não poderiam se ausentar da festa dos 425 anos da "cidade da garoa", que lhes deu a inspiração para o nome e inúmeros sambas. Às 14 horas, eles estarão se apresentando no Ginásio do Centro Campestre do Sesc, em Santo Amaro, onde interpretarão os antológicos "Trem das 11", "Saudosa Maloca" e "Iracema".

A programação musical deverá se encerrar mais à noite, às 21 horas. Neste horário, a Rede Bandeirantes de Televisão levará ao ar um programa especial, totalmente dedicado a São Paulo. Durante uma hora,os atores Rolando Boldrin e Débora Duarte interpretam trechos do livro "Paulicéia Desvairada", de Mário de Andrade; os cantores Elza Soares, Peri Ribeiro, Miltinho e Cláudia apresentam as músicas que compõem a "Sinfonia Paulistana", de Billy Blanco; e Adoniran Barbosa e Inezitha Garcia, acompanhados novamente pelos "Demônios da Garoa", completam o programa, cantando e prestando seu depoimento sobre a cidade e suas transformações. Para acompanhar a "Sinfonia Paulistana" foram feitas tomadas externas nos pontos mais significativos da cidade. O programa da Bandeirantes foi produzido por Renato Master e dirigido por Beto Mariano, sob a coordenação geral de Paulo Roberto.

Caminho do Mar

A história dos primeiros caminhos que ligavam São Paulo a Santos e dos homens que mais os utilizavam — os tropeiros — é contada, a partir de hoje, em 34 painéis no Parque da Independência, no Ipiranga.

A escultura encontra novo espaço neste aniversário

No seu 425° aniversário, São Paulo ganha de presente um lote de dez esculturas, todas localizadas no centro da cidade, no espaço formado pelas praças da Sé e Clóvis Bevilaqua. As obras inauguradas hoje fazem parte do grupo de 15 esculturas selecionadas pela Comissão Especial para Escolher Obras de Arte para a Praça da Sé — criada em agosto de 1977 pelo prefeito Olavo Setúbal — e representam as diversas tendências da moderna escultura brasileira. Trabalhos de Felícia Leirner, Caciporé Torres, Yutaka Toyota, José Resende, Marcelo Nitsche, Ascânio Maria Martins Monteiro, Sérgio Camargo, Amilcar de Castro, Francisco Stockinger e Nicolas Vlavianos com-põem as dez esculturas inauguradas, faltando ainda — serão entregues até março — obras de Rubem Valentim, Domenico Calabrone, Franz Weissmann e Mário Cravo Jr. Uma das obras, uma abstração de Bruno Giorgi, se encontra já instalada num espelho d'água desde a reinauguração da praça, em fevereiro do ano passado.

O descerramento do plástico negro que está cobrindo os trabalhos nas últimas semanas, marcará o reinício do processo de ocupação, por obras de arte, do espaço urbano paulistano. Contrariamente à tendência acadêmica de bustos e grupos escultóricos monumentais que povoam a cidade — estátuas de Rui Barbosa, Anchieta e Verdi, e monumentos a Ramos de Azevedo, a Carlos Gomes e do Ipiranga, entre outros —, o plano de colocação de esculturas contemporânea na praça da Sé se propõe a um estímulo criativo para a população. As peças custaram cada uma 500 mil cruzeiros — que incluíram as despesas com materiais, impostos e os honorários dos artistas — e algumas necessitaram da colaboração fabril para a sua execução.

A repercussão junto à população e à crítica tem sido intensa, mas não unânime. Entre os populares que freqüentam a praça da Sé, as reações vão do entusiasmo à mais absoluta incompreensão. "Isto é uma escultura, uma obra de arte. E acho que ela não precisa ter um nome, porque cada um de nós pode ver nela o que quiser" — declara Francisco Veras Pacheco, um manobrista de estacionamento, a respeito da obra de Toyota. Os críticos de artes plásticas comentam o desarranjo — ou acúmulo — das esculturas na praça. Um outro espectador manifesta sua estranheza diante das formas não convencionais da escultura contemporânnea. E um leitor de **O Estado** escreve em uma carta inflamada que "não é a primeira vez que o poder público cede espaço para satisfação pessoal de tais **artistas**", no sentido pejorativo da palavra.

Em uma reportagem de **O Estado** (25 de junho de 1978), os escultores brasileiros comentavam que seu trabalho, no Brasil, tem necessitado do apoio oficial ou de empresas de arquitetura para lhes garantir a sobrevivência. Segundo os criadores dessa manifestação plástica, o mercado tem mostrado um consumo incipiente para a escultura, o que reforça o entusiasmo dos escultores que têm agora seus trabalhos na praça da Sé.

Felícia, o vôo da liberdade

"Grupo de Pássaros" — esta abertura em bronze — de Felícia Leirner(74 anos),dá continuidade a uma série de trabalhos que a artista realiza há algum tempo e que está exposta em Campos do Jordão. Pássaros, casas de pássaros, o vôo, a liberdade. Neste trabalho, especificamente, Felícia Leirner sintetiza sua poética num resultado de 35 anos de trabalho com a escultura. Veterana entre os jovens convidados para perpetuar na Sé a sua obra, Felícia acredita que estar entre eles é muito bom: "Me sinto jovem outra vez. Mas, no momento em que o artista está criando, vivendo com as formas — e a forma é sempre jovem — ele está com a juventude e reflete o seu frescor".

Caciporé, ou aparência do inacabado

O autodidata Caciporé Torres, de Araçatiba, São Paulo, também está presente com uma escultura na praça da Sé. O metal predomina, retorcido, quebrado pela solda, unido pelo fogo, e surge o bloco construtivo, livre, a alertar a força escultórica de Ícones eliminada em busca da forma. A escultura, aparentemente inacabada, atesta a maneira de Caciporé: toda feita de rugosidade, alusiva aos soluços anatômicos e ao formalismo. Foi com uma cabeça de mulher (gesso) que o jovem Caciporé, em 1949, acabaria sendo descoberto pelos críticos de arte e "marchands". Então com 17 anos, seu trabalho já continha o inusitado e foi considerado entre os melhores do XII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos.

O espaço cósmico de Toyota

Hoje, quando o plástico preto que recobre "Espaço Cósmico" há algumas semana, for retirado, a escultura de Yutaka Toyota também tentará conquistar entre o público uma definição própria. A peça foi construída em dois meses, na Fábrica Cipel, firma especializada em ferro e solda de argônio. Toyota utilizou apenas aço inoxidável, importado do Japão e de um tipo que ainda não existe no Brasil. Seu peso é de 750 quilos e sua altura alcança 3,50 metros. Colocado sobre uma base redonda de mármore, o "Espaço Cósmico" poderá ser girado pelo público, devido a seu eixo central e, a cada posição, os reflexos do próprio ambiente da praça criarão ilusões óticas.

Resende, o rigor construtivo

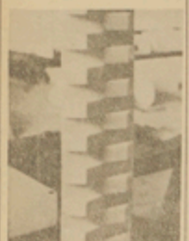
Realizado em concreto, o projeto de José Resende reflete uma organização arquitetônica e um rigor construtivo, na forma de um imenso quadro-negro. O trabalho será instalado numa jardineira, ficando fora do acesso do público. A obra é uma das duas — a outra é a de Marcelo Nitsche — qualificadas pela crítica Aracy Amaral como exceções à pouca audácia dos escultores em seus projetos para a praça da Sé, assinalando que "sua localização, tal como efetivada, fecha o espaço praçacidade como um muro, a impedir a espacialização desejável". Jacob Klintovitz ressaltou a inadequabilidade da escolha, pois Resende é um escultor não provado.

Nitsche, a estética do urbano

"Taturana", "salicha", "minhoca" — por muito tempo o paulistano e, certamente, o visitante de São Paulo, continuará tentando uma definição para a escultura do artista plástico Marcelo Nitsche, instalada no piso inferior da praça da Sé, em frente a uma das saídas do metrô. A "garatuja" de Nitsche, como ele a chamou, é um meio nó, realizado com chapas de aço carbono, formando um tubo de 1,5 metro de diâmetro, pintado de amarelo. Seu ponto mais alto chega a 3,5 metros, ocupando um espaço de, aproximadamente, 37 metros quadrados e pesa três toneladas. Aracy Amaral considera que Marcelo Nitsche conseguiu, com essa obra, apreender a nova estética sugerida por um grande centro urbano e industrial.

Luz e sombra, o forte de Ascânio

Ascânio Monteiro viu com grande entusiasmo a possibilidade de colocar uma obra sua na praça da Sé, ao lado de Sérgio Camargo, Franz Weissmann e Amilcar de Castro — seus antigos ídolos. Acreditando que só uma praça tem condições de mostrar uma obra de arte de grandes proporções, Ascânio considera excelente a iniciativa de levar a arte ao público, fazendo um museu ao ar livre. Nascido em Portugal e formado em arquitetura, o escultor vive no Brasil desde 1959, explorando em seus trabalhos os jogos de luz e sombras. Desenvolvendo uma pesquisa de formas e trabalhos experimentais em estúdio, Ascânio exprimiu-se livremente em sua obra instalada na Sé.



Camargo, as formas em mutação

Em mármore de Carrara, a escultura de Sergio Camargo reforça a opção estética do artista que, ao longo de sua carreira, identificou a arte com a forma. Na Sé, o exemplo é marcante: Sergio Camargo realmente organiza seu universo com base na reestruturação permanente e mutável de algumas formas básicas. Nascido no Rio de Janeiro, Sergio Camargo estudou na Argentina e depois em Paris, onde, ao mesmo tempo, freqüentava um curso de filosofia na Sorbonne. Em 1954 visitou a China e de 61 a 74 residiu em Paris. Depois fixou-se no Rio de Janeiro. Entre seus trabalhos destacam-se o muro estrutural para o Palácio do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília.

Amilcar, a dinâmica das linhas

Amilcar de Castro marca sua presença entre os escultores brasileiros pelas relações dinâmicas entre poucas formas e linhas. Caso também desta escultura que é inaugurada hoje na praça da Sé. O artista descende diretamente do movimento concretista brasileiro e, entre as suas ações, estão também projetos gráficos (Jornal do Brasil), desenhos, pinturas, e a participação em diversas mostras significativas. É um dos maiores escultores do Brasil, que prefere as chapas de metal recortado, como neste caso, cujo resultado se aproxima muito do seu trabalho iconográfico, em que a geometria se encontra com o ideograma, sugerindo novas leituras para o espaço ocupado pela obra.

Stockinger, a estética vem do Sul

O escultor gaúcho Francisco Stockinger submeteu originalmente duas maquetes à Companhia de Urbanização de São Paulo, para que fosse escolhida aquela que iria para a praça da Sé. O projeto escolhido foi executado num bloco de granito preto, entremeado por uma textura de aço inoxidável. Stockinger é um artista-operário, que acompanha suas obras da modelagem à fundição, até o mínimo detalhe de acabamento. Nascido na Áustria e radicado desde criança no Brasil, Stockinger é escultor há trinta anos e mora no Morro Santa Teresa, em Porto Alegre.

envolvido pelo alfabeto japonês há vários anos por sua avó.

Vlavianos, a lírica das nuvens

No ponto mais alto da praça da Sé está a cultura de Nicolas Vlavianos — "Nuvem sobre a cidade" — que faz parte de uma série criada por ele para a sua última exposição, realizada no ano passado, na galeria Millitjila. Ela mede cinco metros de comprimento, por quatro de largura e utiliza o mármore e o aço inox, que é anti-ferrugem. "Suas linhas retas, severas, representam a estrutura da cidade, os seus prédios. As partes mais livres, líricas, que estão no ar, lembrariam a natureza, as nuvens, árvores, pássaros. É uma síntese da nossa realidade urbana" — explicava Vlavianos a um senhor de cabelos brancos, um advogado, que passava pela praça no dia da instalação da escultura.

Folha de São Paulo